



Os desafios enfrentados durante a pandemia da COVID-19 sob a perspectiva de usuários participantes de grupos de apoio ao autocuidado em hanseníase

The challenges faced during the COVID-19 pandemic from the perspective of users participating in self-care support groups in leprosy

Los desafíos enfrentados durante la pandemia de COVID-19 desde la perspectiva de los usuarios que participan en grupos de apoyo para el autocuidado en lepra

Breno Augusto Rodrigues de Lima¹, Larissa Maria Farias de Amorim Lino¹, Raphaela Delmondes do Nascimento¹, Danielle Christine Moura dos Santos¹, Cássia Cibelle Barros de Albuquerque¹, Bruna de Souza Buarque¹.

RESUMO

Objetivo: Analisar os desafios enfrentados por pessoas acometidas pela hanseníase participantes de grupos de apoio ao autocuidado durante a pandemia da COVID-19. **Métodos:** Foi realizado um estudo qualitativo de caráter exploratório, no município de Recife e em sua região metropolitana. A população foi composta por pessoas acometidas pela hanseníase integrantes de grupos de apoio ao autocuidado nas unidades de saúde referências no atendimento a doença. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** A amostra total correspondeu a 15 entrevistados. Após a conclusão das etapas da análise de conteúdo, emergiram cinco categorias que abordaram quantos aos desafios enfrentados no acesso à assistência à saúde, nas práticas de autocuidado, na vida social, no contexto financeiro, além de experiências pessoais relacionadas à COVID-19. **Conclusão:** A pandemia da COVID-19 promoveu mudanças no cenário mundial, acarretando em prejuízos para diversos grupos populacionais. No Brasil, destacaram-se as pessoas com hanseníase, que é uma doença marginalizada pela sociedade. Assim, é importante que profissionais de saúde que assistem estas pessoas conduzam o cuidado de forma integral e a sociedade seja informada sobre a doença para reduzir o estigma, promovendo qualidade de vida.

Palavras-chave: Hanseníase, COVID-19, Atenção Integral à Saúde.

ABSTRACT

Objective: To analyze the challenges faced by people affected by leprosy participants of self-care support groups during the COVID-19 pandemic. **Methods:** A qualitative exploratory study was carried out in the city of Recife and its metropolitan area. The population was composed of people affected by leprosy, members of self-care support groups in health units that are references in disease care. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed using Bardin's content analysis technique. **Results:** The total sample corresponded to 15 respondents. After completing the content analysis stages, five categories emerged that addressed the challenges faced in accessing health care, self-care practices, social life, financial context and personal experiences related to COVID-19. **Conclusion:** The COVID-19 pandemic promoted changes in the

¹ Universidade de Pernambuco (UPE), Recife - PE.

world scenario, resulting in losses for different population groups. In Brazil, people with leprosy stood out, which is a disease marginalized by society. Thus, it is important that health professionals who assist these people provide comprehensive care and that society is informed about the disease in order to reduce stigma and promote quality of life.

Keywords: Leprosy, COVID-19, Comprehensive Health Care.

RESUMEN

Objetivo: Analizar los desafíos que enfrentan las personas afectadas por la lepra participantes de grupos de apoyo para el autocuidado durante la pandemia de COVID-19. **Métodos:** Se realizó un estudio exploratorio cualitativo en la ciudad de Recife y su área metropolitana. La población estuvo compuesta por personas afectadas por la lepra, integrantes de grupos de apoyo al autocuidado en unidades de salud que son referentes en la atención de la enfermedad. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas y analizados utilizando la técnica de análisis de contenido de Bardin. **Resultados:** La muestra total correspondió a 15 encuestados. Después de completar las etapas de análisis de contenido, surgieron cinco categorías que abordaron los desafíos enfrentados en el acceso a la atención de salud, las prácticas de autocuidado, la vida social, el contexto financiero y las experiencias personales relacionadas con COVID-19. **Conclusión:** La pandemia del COVID-19 impulsó cambios en el escenario mundial, trayendo como consecuencia pérdidas para diferentes grupos poblacionales. En Brasil, se destacaron las personas con lepra, que es una enfermedad marginada por la sociedad. Por lo tanto, es importante que los profesionales de la salud que atienden a estas personas brinden una atención integral y que la sociedad esté informada sobre la enfermedad para reducir el estigma y promover la calidad de vida.

Palabras clave: Lepra, COVID-19, Atención Integral de Salud.

INTRODUÇÃO

Na China surgiu, em dezembro de 2019, uma nova síndrome respiratória aguda grave causada pelo coronavírus 2 (SARS-CoV-2), seguidamente sendo denominada de *Coronavírus Disease 2019* (COVID-19). Posteriormente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou, em março de 2020, a COVID-19 como pandêmica (CAMPOS ACV e LEITÃO LPC, 2021). Visando conter a disseminação da doença e consequentemente a superlotação das redes hospitalares, foram adotadas medidas de proteção como: distanciamento social e o bloqueio total (*lockdown*) em cidades. Nessa perspectiva, foi observado que a pandemia da COVID-19 favoreceu o surgimento de inúmeros desafios na área da saúde, especialmente na assistência contínua de pessoas portadoras de doenças que precisam de um acompanhamento contínuo, como é o caso da hanseníase (SILVA JMS, et al., 2021).

A hanseníase é uma doença infecciosa, transmissível e de caráter crônico, causada pelo bacilo *Mycobacterium leprae* que apresenta preferência em atingir pele, olhos e nervos periféricos. Apenas em 2020, foram reportados à OMS 17.979 novos casos no Brasil, representando 93,6% dos novos casos ocorridos no continente americano (BRASIL, 2022). Além de apresentar grande prevalência em território nacional, a hanseníase também apresenta uma carga estigmatizante que está atrelada ao seu alto poder incapacitante, causando lesões que podem ocasionar sequelas permanentes. Não se limitando ao acometimento dermatoneurológico, é possível observar também a presença de repercussões psicossociais ocasionadas pelas incapacidades físicas que podem estar relacionadas ao estigma social, atuando como comprometedor de atividades diárias das pessoas afetadas pela doença e de sua integração no convívio social (SANTOS TPP, et al., 2022).

Ainda relacionado ao seu perfil crônico e incapacitante, pessoas acometidas pela hanseníase necessitam de acompanhamento prolongado e de visitas regulares aos serviços de saúde (BRASIL, 2017; BORGES KNG, et al., 2020). Assim, a pandemia da COVID-19 provocou várias mudanças com importantes efeitos negativos para as pessoas acometidas pela hanseníase, que se depararam com o desabastecimento de medicamentos, queda no número de notificações associada ao medo da população em procurar as unidades de saúde e a

sobrecarga do setor da saúde, assim como alterações dos locais de tratamento, uma vez que algumas unidades de referência no tratamento de hanseníase tiveram que ser adaptadas para alocar pacientes atingidos pela COVID-19 (MARICATO G, 2020).

Não obstante das demais atividades, os Grupos de apoio ao autocuidado em hanseníase (GACs) precisaram ser suspensos durante a pandemia. Os GACs são espaços onde as pessoas afetadas pela doença compartilham experiências entre si e aprendem o manejo correto diante de possíveis complicações, além de aproximar os serviços de saúde do usuário com intuito de promover uma assistência integral e holística a estes (SILVA JMS, et al., 2021; SOUZA NMN, et al., 2021).

Diante deste cenário, foi realizado um estudo com o objetivo de analisar os desafios enfrentados por pessoas afetadas pela hanseníase participantes de grupos de apoio ao autocuidado durante a pandemia da COVID-19, de modo a contribuir no planejamento de ações voltadas para o cuidado integral às pessoas afetadas e para medidas de controle da doença.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, de abordagem qualitativa (MINAYO MCS, 2010). O local de estudo foi a região metropolitana de Recife, Pernambuco, mais especificamente os centros de referência para hanseníase que apresentam GACs ativos no momento da coleta de dados, totalizando 5, sendo: 3 serviços localizados no município de Recife; e 1 no município do Cabo de Santo Agostinho. Estes locais foram selecionados por serem considerados pontos de concentração de casos da doença, além de serem espaços de atividades de trabalho do Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Cuidado, Práticas Sociais e Direito à saúde das Populações Vulneráveis (GRUPEV), da Universidade de Pernambuco, do qual este estudo está vinculado, durante o período de novembro de 2022 e fevereiro de 2023.

Os participantes do estudo foram pessoas acometidas pela hanseníase participantes dos GACs vinculados aos centros de saúde acima citados e que aceitaram participar da pesquisa, atendendo aos critérios de serem maiores de 18 anos, podendo estar ou não em tratamento com a poliquimioterapia (PQT) para a hanseníase.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas, mediante roteiro de entrevista semiestruturada, sobre os desafios da pandemia da COVID-19 na vida dos sujeitos estudados, utilizando o critério de saturação de informações segundo Minayo MCS (2010) para definição do número de sujeitos.

Após a coleta dos dados, seguiu-se para análise que foi realizada de acordo com a técnica de análise de conteúdo de Bardin L (2011), onde inicialmente foi feita a leitura flutuante para em seguida determinar os códigos e as unidades de significado para a sua categorização.

O estudo faz parte do projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Complexo Hospitalar HUOC/PROCAP sob o parecer: 5.197.512 e CAAE: 54116221.5.0000.5192. Ainda, todos os sujeitos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

Foram entrevistados 15 usuários afetados pela hanseníase participantes de GACs ativos provenientes dos centros de saúde citados anteriormente. Os entrevistados apresentavam idade entre 37 e 75 anos, sendo possível observar a predominância do sexo masculino entre os participantes do estudo, configurando 60% de homens.

No que se refere aos dados sociais, houve o predomínio de 1 salário mínimo como renda familiar, representando 73,3%, enquanto na escolaridade foi evidenciado a prevalência de pessoas com ensino médio completo, representando 46,6%.

A partir da análise das entrevistas, emergiram as seguintes categorias de análise: desafios no acesso à assistência à saúde; desafios nas práticas de autocuidado; desafios na vida social; desafios financeiros; e experiências pessoais relacionadas à COVID-19.

Categoria 1 - Desafios no acesso à assistência à saúde

No que diz respeito ao acesso dos usuários à assistência à saúde durante o período da pandemia, constatou-se que a maioria dos entrevistados referiu desafios em sua vida, onde muitos referiram medo devido a contaminação.

Além do risco de exposição, relataram dificuldades em acessar os serviços que deveriam estar sendo prestados, pela ausência de médicos para realização de consultas; dificuldade na marcação de consultas; ausência de reuniões dos GACs; e no acompanhamento de outras ações em saúde, como observa-se nas seguintes narrativas:

“...a gente ficou com muito medo dessa doença, até pra vim pra médico a gente às vezes nem vinha com medo porque o medo da gente pegar essa doença.” (Usuário 3)

“Muita dificuldade em ser acompanhado, porque não tinha médico. Tava difícil marcar uma consulta...” (Usuário 4)

“...teve coisas que não foi concretizado [referindo-se ao GAC], porque a pandemia estava no pico alto e no grupo tem gente de toda idade né?... aí teve coisas que realmente foram suspensas...” (Usuário 5)

Ressalta-se, também, mediante as falas dos entrevistados, a dificuldade de acesso à insumos como a medicação para o tratamento da hanseníase, bem como a dificuldade em ter acesso à assistência em saúde nos diferentes serviços da rede de atenção, como observa-se nas seguintes falas:

“Faltou remédio, por isso que eu piorei muito... eu já tava quase curado... passei dois meses sem tomar o medicamento... aí voltou tudinho, aí... piorei né? piorei muito!” (Usuário 12)

“...tive dificuldades principalmente em posto de saúde... fui em vários postos e não tiveram recursos.” (Usuário 15)

Não obstante, foi observado também, pela fala de um entrevistado, que houve dificuldades na testagem voltado para a COVID-19, como relatado na sentença abaixo:

“Era porque na época tava muito difícil né? [o acesso à testagem] A fila muito grande... eu não me sentia com nada aí não fui testar.” (Usuário 12)

Categoria 2 - Desafios nas práticas de autocuidado

Em relação a realização de práticas de autocuidado, boa parte dos usuários entrevistados relataram que realizam as práticas de autocuidado que são recomendadas pelos profissionais atuantes nos GACs que os mesmos participam, como é possível observar nas seguintes falas:

“...eu tenho muito cuidado assim de levar arranhão, queimaduras, essas coisas, eu tenho muito cuidado.” (Usuário 01)

“...tenho cuidado com os olhos, com a boca, sempre toco com as mãos limpas.” (Usuário 11)

“você pega uma bacia, com água e ‘bola de gude’ e vá mexendo seus pés”. (Usuário 13)

E esses mesmos usuários, que relatam realizar as práticas de autocuidado recomendadas, relataram também acerca da não interferência da pandemia nessas práticas, como pode-se observar nas falas a seguir:

“Do mesmo jeito... eu sempre tive muito cuidado, graças a Deus.” (Usuário 1)

“A pandemia não alterou não.” (Usuário 11)

“Não... tem dia que eu faço, tem dia que dá preguiça.” (Usuário 13)

Categoria 3 - Desafios na vida social

No que se refere a interferências causadas na vida social dos usuários durante o período de pandemia, na maioria das entrevistas, foi possível observar que muitos foram prejudicados pelo isolamento social, implantado como medida para maior controle da COVID-19, como relatado abaixo:

“Houve mudança porque a gente ficou mais reservado, não pôde sair né? ficou preso dentro de casa...” (Usuário 3)

“... porque pandemia deixou a gente assim né, muito preso né?! Em relação às coisas e, as coisas deixaram de fluir como fluía antes da pandemia, entendeu?” (Usuário 5)

“Teve né, porque a gente ficou muito preso em casa sem poder fazer as coisas como devia né... Não podia sair de casa como normal, aquela coisa tudo limitada...” (Usuário 8)

Ainda, de acordo com os entrevistados, ocorreram episódios relacionados ao preconceito durante a pandemia. Além disso, foi possível observar que alguns usuários evitam explanar sua condição de saúde de modo a não incitar atos discriminatórios:

“...teve mais um pouquinho de rejeição assim dos vizinhos, quando soube se afastaram um pouco, mas nada que me abalasse.” (Usuário 1)

“Preconceito não, porque muito pouca gente sabe que eu tive hanseníase... eu nunca falei, porque se eu for falar, o pessoal que mora lá, os meus vizinhos, é tudo preconceituoso.” (Usuário 4)

“...tem pessoas que não sabem que eu tive, porque existe uma certa ignorância, deveria ser quebrado isso, mas é difícil. Eu já sofro certo tipo de preconceito, imagina chegar e dizer sobre a hanseníase.” (Usuário 8)

E atrelado a essas questões, os entrevistados relataram que não existe uma boa divulgação de informações acerca da doença tanto para a sociedade em geral quanto para profissionais de saúde, e que isso foi exacerbado durante a pandemia da COVID-19, como relatado abaixo:

“...então essa é uma doença que se precisa divulgar mais isso porque a mídia não divulga isso. É muito raro, eu nem vejo isso... nenhuma emissora de televisão divulgação disso...” (Usuário 4)

“...parece que é uma divulgação abafada, porque na verdade todo mundo quando descobriu a COVID pensou ‘vamos colocar máscara’, mas e a hanseníase?!” (Usuário 9)

“...fui a duas consultas relatando o problema que eu tava sentindo, “isso aqui é um germe” falou um dermatologista... fui em 1 clínico, 2...” (Usuário 11)

Categoria 4 - Desafios financeiros

Acerca da situação financeira dos usuários entrevistados durante a pandemia, foi possível observar que uma parte dos entrevistados referiu mudanças quanto à sua vida financeira, conforme os seguintes relatos:

“...foi muito difícil, as coisas tudo cara e o dinheiro pouco que não dá para nada.” (Usuário 3)

“Tive dificuldade financeira, para comprar alimentos e medicação.” (Usuário 7)

“O financeiro ficou muito apertado porque eu morava só, aí eu tive que trazer minha filha porque ela lá tava pagando aluguel... aí precisei dividir minha casa...” (Usuário 9)

Categoria 5 - Experiências pessoais relacionadas à COVID-19

Um dos usuários entrevistados apresentou negacionismo em relação a credibilidade das vacinas e sobre a veracidade do quantitativo de mortes pela COVID-19 no país, como pode-se observar nas falas abaixo:

"...alguém me disse 'tá morrendo mais gente que tomou vacina do que quem não tomou' e eu acredito, eu mesmo sou um... e tô aqui pela misericórdia de Deus." (Usuário 14)

"Não concordo porque só morreu gente nesse período de 1 ano a 2, todo mundo que morreu a partir desse período aí foi de COVID, é? As outras enfermidades 'saiu' do mapa, foi?!" (Usuário 14)

Em contrapartida, foi possível observar que grande parte dos usuários apresentaram confiança no bloqueio vacinal e foram vacinados com todas as doses correspondentes, como é mostrado a seguir:

"...tenho tudo aqui, as minhas vacinas.... tomei tudinho, minha filha. Tudinho eu tomei, fiz o teste. Eu me cuido, sabe?" (Usuário 3)

"Vacinei, a quarta dose eu tomei até aqui... tô esperando a quinta se ainda vier e tiver." (Usuário 5)

"Em dias, tomei as 3 doses." (Usuário 8)

Por fim, destacou-se no estudo que, alguns usuários entrevistados relataram acerca de um desfecho positivo na pandemia ou que não encontrou dificuldades durante a pandemia, que pode ser observado nas falas abaixo:

"Não, a minha vida continuou a mesma... eu parei de trabalhar, que eu trabalhava, aí entrou o auxílio então eu não passei..." (Usuário 1)

"Tive não, foi tão bom para mim. Foi tão bom, minha aposentadoria chegou. Até parece uma mentira. Tudo é quando Deus quer, nesse período assim, chegou." (Usuário 2)

"Não, eu fiquei normal... não teve mudança não." (Usuário 12)

DISCUSSÃO

Quanto aos desafios no acesso à assistência à saúde, foi possível constatar o medo dos usuários irem aos serviços de saúde e contaminarem-se com o vírus da COVID-19. Esse medo pode ser justificado pela alta taxa de transmissibilidade do vírus, o que provocou muitos óbitos, além de ser uma enfermidade nova em todo mundo. Essas situações causaram temor de várias ordens na população, inclusive medo de buscar cuidados em saúde necessários nos seus processos de adoecimento (PERNAMBUCO ML, et al., 2022).

Consequente as medidas para conter a disseminação da COVID-19, como o distanciamento social e proibição de aglomerações, fizeram com que algumas atividades a nível ambulatorial, como os GACs, fossem suspensas. Isso pode ser observado nos relatos de alguns entrevistados, o que impactou diretamente em suas vidas, visto que os GACs são espaços onde os portadores da hanseníase compartilham experiências e aprendizados, bem como criam vínculos entre si e com as unidades de saúde (SILVA JMS, et al., 2021; SOUZA NMN, et al., 2021).

Também vale destacar o relato de usuários que referiram dificuldade no acesso a insumos como a medicação para hanseníase durante a pandemia. Esta falta de medicação para o tratamento da hanseníase foi vivenciada por profissionais nas unidades de saúde durante a pandemia. Falta esta que pode provocar vários problemas, como o decréscimo no controle da doença e aumento da transmissibilidade (MENDONÇA IMS, et al., 2022). Ademais, destaca-se que o retardo do início ou a interrupção do tratamento pode ocasionar piora do quadro da doença, favorecendo a evolução para incapacidades físicas.

Ademais, houve o relato de um usuário acerca da dificuldade na testagem para a COVID-19. Em alguns países, incluindo o Brasil, foi observada uma dificuldade na realização da testagem em massa devido à escassez de materiais para realização de testes moleculares e a não existência de testes rápidos (OLIVEIRA TM e ARAÚJO ACO, 2020). Entretanto, mesmo com as dificuldades, o país possui o Sistema Único de Saúde (SUS) de acesso universal com um amplo sistema de vigilância em saúde que facilitou governos locais e regionais a adotarem respostas rápidas frente a essas adversidades (MAGNO L, et al., 2020).

Em relação a realização de práticas de autocuidado, boa parte dos entrevistados mantiveram-nas mesmo durante a pandemia. Manter essa atividade beneficia o usuário pois permite que ele cuide de si mesmo e entenda seu corpo e sua mente, além de permitir que o usuário adote hábitos saudáveis e atinja uma melhoria em sua qualidade de vida (SOUZA NMN, et al., 2021). Vale destacar, portanto, que os sujeitos estudados foram participantes de GACs, e o fato da adesão e continuidade das práticas de autocuidado, mesmo no período do isolamento e da suspensão das atividades do grupo, evidencia que a participação nos grupos traz resultados positivos quanto à realização e manutenção destas práticas, corroborando na melhora da qualidade de vida dos mesmos.

Em relação aos desafios na vida social, os entrevistados relataram dificuldades devido ao isolamento social imposto pela pandemia. Sabe-se que as pessoas com hanseníase sofrem de maneira histórica com a discriminação e o isolamento, e isso associado à obrigatoriedade de distanciamento e medo relacionados à COVID-19 pode provocar impactos na saúde mental, desenvolvendo nos acometidos sintomas de depressão, ansiedade e estresse que podem agravar seus quadros de saúde (SILVA JMS, et al., 2021).

Outro aspecto observado na fala dos entrevistados foi a ocultação do diagnóstico por medo de represálias discriminatórias. Isso ocorre devido ao forte estigma da hanseníase, que acarreta episódios de discriminação, gerando efeitos negativos que podem levar ao isolamento. Estudos evidenciam que os usuários ocultam o diagnóstico e, quando abordados pelas pessoas, preferem justificar com situações aleatórias do que explicar a real causa. Porém, isso pode prejudicar a busca desses usuários ao serviço de saúde, atrasando o tratamento da doença e favorecendo o aparecimento de incapacidades (SANTOS TPP, et al., 2022)

Os entrevistados, também, relataram pouca divulgação sobre a hanseníase e dificuldades no fechamento do diagnóstico por parte dos profissionais. Nesse caso, pode-se entender que a hanseníase merece destaque em relação às políticas públicas para a promoção de maior conscientização dos profissionais de saúde acerca da importância de ações de educação com a população. Assim, os usuários dos serviços de saúde poderão entender mais sobre a doença, favorecendo melhores condições de cuidado com a própria saúde (FARIAS RG, et al., 2020).

Assim, mostra-se necessário ampliar a divulgação acerca da hanseníase para toda população, inclusive entre profissionais de saúde pois, com posse do conhecimento adequado, é possível aumentar o fluxo de atendimentos nas unidades de saúde, conseqüentemente maior quantidade de diagnósticos fechados, exame de contatos efetivo, início precoce do tratamento, corroborando positivamente para a redução de casos da doença.

No âmbito financeiro, alguns usuários relataram dificuldades durante a pandemia. Tais dificuldades foram sentidas a nível mundial, sendo denominada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) como a "pior crise econômica desde a Grande Depressão", que ocorreu em 1929. Em parte, esse impacto tem relação com as medidas de restrição para frear a contaminação em massa pela COVID-19 que foram adotadas pela maioria dos países (MIRANDA SS, et al., 2020). Assim, as adversidades evidenciadas neste estudo reverberam em uma piora da situação de vulnerabilidade social e do isolamento dessas pessoas, fato já presente no contexto da hanseníase. Desse modo, é imperativo que medidas sejam tomadas por gestores e implementadores das políticas de saúde e de assistência social, no intuito de minimizar os obstáculos da pandemia da COVID-19 na vida dessa população.

Adentrando no âmbito das experiências pessoais dos entrevistados, um dos usuários relata não ter se vacinado contra a COVID-19 por desejo próprio. Isso foi observado no país, onde parte da população aderiu uma postura contrária à eficácia das vacinas. Para combater isso, é necessário implementação de ações que

abranjam todo o país a nível de saúde pública como, por exemplo, educação em saúde realizada por profissionais em ambientes públicos com a distribuição de materiais educativos, além de associar a divulgação em mídias sociais, gerando significativa diminuição no sentimento da população de desconfiança em relação à eficácia das vacinas contra a COVID-19 (CASTRO VA, et al., 2022).

Porém, grande parte dos usuários relataram confiança nas vacinas disponibilizadas pelo Ministério da Saúde, corroborando com dados evidenciados no estudo de Araújo TME, et al. (2021), onde 79,5% dos adultos entrevistados apresentaram aceitação acerca de qualquer vacina contra a COVID-19 que fosse produzida, e os mesmos são indivíduos que se informaram sobre a imunização por meio de mídias sociais ou jornais e televisão, reiterando a importância de campanhas informativas a respeito das vacinas disponíveis no país. Para as pessoas afetadas pela hanseníase, estudos evidenciaram que algumas vacinas da COVID-19 podem ocasionar reações hansênicas em usuários com histórico das mesmas ou até mesmo desenvolver após a administração das vacinas. Contudo, os estudos orientam atenção dos profissionais quanto à ocorrência, porém reforça a segurança da vacina para esse público e estimula a vacinação (BHANDARI A, et al., 2022; FACHLER T, et al., 2022).

Por fim, alguns entrevistados relataram a ocorrência de desfechos positivos ou até mesmo que não encontraram dificuldades na pandemia, o que vai de contrapartida com as dificuldades observadas no estudo. Tais afirmações trazem a perspectiva que, mesmo em situações pandêmicas, é possível que haja uma parcela da população que não venha a sentir os efeitos negativos causados por situações de calamidade pública, como foi durante a pandemia da COVID-19.

CONCLUSÃO

A pandemia da COVID-19 promoveu mudanças na organização social, política, econômica e sanitária no mundo, e os grupos populacionais foram afetados a depender de sua vulnerabilidade. No Brasil, destacaram-se as pessoas afetadas pela hanseníase, visto que são acometidos por uma doença marginalizada tanto pela sociedade quanto pelo poder público. Ainda mais em um período caótico como esse, onde essas pessoas foram bastante desassistidas, prejudicando sua rede de apoio, o que inclui os GACs. Nesse contexto, é importante que os profissionais de saúde que assistem estas pessoas fiquem atentos para que conduzam o cuidado de forma integral, considerando as questões singulares causadas pelos desafios durante a pandemia, além de ampliar a divulgação acerca da hanseníase para a sociedade como um todo, evitando mais discriminação e reduzindo o estigma. Vale salientar, também, o estímulo à criação de novos GACs para fortalecer a rede de apoio dos usuários e encorajar a incorporação de práticas de autocuidado, proporcionando melhora na qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

1. ARAÚJO TME, et al. Aceitação da vacina contra COVID-19 entre público diagnosticado com síndrome gripal. *Acta Paul. Enferm.*, 2021; 34: eAPE000086.
2. BARDIN L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011. 229p.
3. BHANDARI A, et al. Reactions in leprosy patients triggered by COVID-19 vaccination: a cross-sectional study from a tertiary care centre in India. *J. Eur. Acad. Dermatol. Venereol.*, 2022; 37(3): e266-e268.
4. BORGES KNG, et al. O impacto da pandemia de Covid-19 em indivíduos com doenças crônicas e sua correlação com o acesso a serviços de saúde. *Rev. Cient. Esc. Estadual Saúde Pública Goiás "Cândido Santiago"*, 2020; 6(3): e6000013.
5. BRASIL. Boletim Epidemiológico 2022. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2022/boletim-epidemiologico-de-hanseniose-25-01-2022.pdf>. Acessado em: 21 de setembro de 2022.
6. BRASIL. Guia Prático sobre a Hanseníase. 2017. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/novembro/22/Guia-Pratico-de-Hanseniose-WEB.pdf>. Acessado em: 21 de setembro de 2022.
7. CAMPOS ACV e LEITÃO LPC. Letalidade da COVID-19 entre profissionais de saúde no Pará, Brasil. *Journal Health NPEPS*, 2021; 6(1): 22-34.

8. CASTRO VA, et al. Aporte histórico da vacinação e hesitação/recusa vacinal. *Revista Científica Eletrônica da Faculdade de Piracanjuba*, 2022; 2(3): 6-15.
9. FACHLER T, et al. Erythema nodosum leprosum post-COVID-19 vaccination: endemic while pandemic. *J. Eur. Acad. Dermatol. Venereol.*, 2022; 36(7): e505-e506.
10. FARIAS RC, et al. Hanseníase: educação em saúde frente ao preconceito e estigma sociais. *Research, Society and Development*, 2020; 9(8): e114984923.
11. MAGNO L, et al. Desafios e propostas para ampliação da testagem e diagnóstico para COVID-19 no Brasil. *Ciênc. Saúde Colet.*, 2020; 25(9): 3355-3364.
12. MARICATO G. Entre uma nova epidemia e uma velha endemia: notas sobre as ações dos movimentos das pessoas atingidas pela hanseníase ao longo da pandemia da COVID-19. *Cadernos de Campo (Online)*, 2020; 29: 163-172.
13. MENDONÇA IMS, et al. Impacto da pandemia de Covid-19 no atendimento ao paciente com hanseníase: estudo avaliativo sob a ótica do profissional de saúde. *Research, Society and Development*, 2022; 11(2): e4111225459.
14. MINAYO MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2010. 407p.
15. MIRANDA SS, et al. Impactos sociais e econômicos da COVID-19. In: BARRAL-NETTO M, et al. *Construção de conhecimento no curso da pandemia de COVID-19: aspectos biomédicos, clínico-assistenciais, epidemiológicos e sociais*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 1-29.
16. OLIVEIRA TM e ARAÚJO ACO. Consequências da subnotificação dos casos de COVID-19 para saúde pública no Brasil. *InterAm. J Med. Health*, 2020; 3: e202003062.
17. PERNAMBUCO ML, et al. Hanseníase no Brasil: ainda mais negligenciada em tempos de pandemia do COVID-19?. *Rev. Saúde Pública Paraná (Online)*, 2022; 5(1): 2-18.
18. SANTOS TPP, et al. Os impactos do estigma e preconceito nos portadores de hanseníase: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2022; 15(4): e10148.
19. SILVA JMS, et al. Atenção às pessoas com hanseníase frente a pandemia da covid-19: uma revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2021; 13(2): e6124.
20. SOUZA NMN, et al. Autocuidado em hanseníase sob a ótica de grupos operativos: uma abordagem qualitativa. *Online Braz. J. Nurs.*, 2021; 20: e20216448. *Research, Society and Development*, 2022; 11(2): e4111225459-e4111225459.